

diário de um carbonário

mário silva carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Luso
Pampilhosa/Mealhada
Coimbra
Figueira da Foz

Lisboa

LOCAIS
DA
NARRATIVA



ENQUADRAMENTO POLÍTICO

PORTUGAL — 1889/1910



1889 — Coroação do rei D. Carlos.

1890 — Mapa Cor-de-Rosa: Ultimato inglês. A mais antiga aliada exigiu a retirada das nossas modestas forças militares estacionadas nas vastidões entre Angola e Moçambique. Ameaçou declarar guerra se o Governo português não desistisse da intenção de anexar os imensos, desmedidos territórios selvagens, entre as colónias africanas lusitanas. Lisboa vergou e aceitou o Ultimato. Um sentimento de impotência, vergonha e humilhação tocou em todos os portugueses.

1891 — Revolução republicana no Porto a 31 de janeiro. Levantamento antimonárquico na cidade do Porto. Em poucas horas, a tiro e espadeirada, os revoltosos são derrotados, agrilhoados ou põem-se em fuga.

1890/1906 — Portugal vive sob a égide de uma Monarquia Constitucional, o espaço político será dominado por duas forças políticas: o Partido Progressista e o Partido Regenerador. Vão partilhando o poder com o consentimento do rei, a quem incumbe nomear o chefe do Governo. A alternância da governança ficaria conhecida como o *Rotativismo*.

1906 — D. Carlos indigita para formar ministério um dissidente do Partido Regenerador, João Franco Castelo Branco, fundador de uma nova força política, o Partido Regenerador Liberal. Iniciou a governação à inglesa, expressão

cunhada pelo tempo, com apoio parlamentar, alguns meses depois, acossado por dissidências internas e oposições ferozes, ensaiará um Governo autoritário, ditatorial, ao modo turco, como a imprensa da época classificaria.

1908 — Assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís Filipe de Bragança.

D. Manuel II, o filho mais novo, subirá ao poder com apenas dezoito anos. São marcadas eleições gerais e os partidos tradicionais monárquicos regressarão ao poder num cenário de profunda convulsão social e crise financeira.

1910 — Queda da Monarquia. O Partido Republicano Português, nos primeiros dias de outubro, num movimento revolucionário relâmpago, tomará o poder. As forças republicanas foram capazes de capitalizar o descontentamento crescente de franjas da população. Levantarão bandeiras e aguerridas barricadas, denunciando a subjugação aos interesses financeiros ingleses, os gastos da família real, a miséria popular, o poder e opulência da igreja, os escândalos financeiros, a violência policial, a corrupção, o compadrio e a fraqueza do poder político.

O emergente Partido Republicano Português, a Maçonaria, a Carbonária, a imprensa republicana e múltiplas associações culturais, sociais, cívicas e profissionais, serão aliados vitais na denúncia da degradação, contradições e fragilidades do regime monárquico. Desempenharão um papel ativo no levantamento revolucionário.

Sociedade e Floresta **Poderosa Venda Jovem Portugal** CARBONÁRIA PORTUGUESA

A Carbonária Portuguesa, sociedade secreta que empunhou a bandeira da liberdade, igualdade e fraternidade, ainda hoje continua a dividir os historiadores e estudiosos deste movimento. Criada antes de 1900, irrompeu do secretismo para ações de rua e movimentações populares sobretudo a partir de 1906, abrigo e organizando milhares de militantes.

Muitos analistas advogam que a Carbonária não passou de uma milícia tenebrosa ao serviço dos interesses mais obscuros do então crescente Partido Republicano Português e da Maçonaria. Definida como fanática, sinistra e cruel. Precursora das atuais organizações terroristas.

Outros defendem que a Sociedade e Floresta, como também se intitulava,

o povo em armas, seria uma associação de homens livres, em luta pela emancipação, com ideais democráticos e republicanos. Concedem-lhe o epíteto de patriota e heroica.

Em boa verdade, não se conhecem neste movimento quaisquer projetos de tomada do poder e ou planos de governação.

Perseguiram obsessivamente um objetivo:

O derrube da monarquia e a implantação da República.

Com essa finalidade a Carbonária Portuguesa mostraria ser uma poderosa, temível, disciplinada e enérgica organização secreta. Milhares de portugueses, quase todos de condição humilde, juraram fidelidade à sua causa.

Não é matéria deste livro a análise histórica e muito menos o julgamento da Poderosa Venda Jovem Portugal.

Facto indesmentível será o papel decisivo no desenrolar dos acontecimentos que culminaram com a Revolução de 5 de Outubro de 1910 e o advento da República.

Depois da implantação republicana, a organização ainda cumpriria tarefas relevantes nos combates às incursões monárquicas de 1911 e 1912.

A fragmentação do Partido Republicano Português em correntes e novas forças partidárias acabaria por causar cisões profundas na Carbonária Portuguesa. Em poucos anos assumiria papéis secundários. Espartilhada, transformar-se-ia em forças pretorianas a soldo dos novos movimentos políticos. Violentas associações, como as apelidadas Formiga Branca e Formiga Preta, serão sucedâneos lamentáveis do poderoso movimento que ajudou a rasgar séculos de poder monárquico em Portugal.

Num balanço breve poderemos concluir que o grande objetivo perseguido com denodo, ousadia, valentia, oferecendo sem titubear, regatear, o sangue fremente, a força de ideais, a rouquidão dos gritos e o suor dos corpos continua nos nossos dias forte e segura:

A República Portuguesa.



DIÁRIO DE UM CARBONÁRIO

INTRODUÇÃO



**...Turbas gemendo esfarrapadas
Sem luz, sem pão e sem moradas;**

Os versos do grande poeta Guerra Junqueiro retratam com violência o cenário em que se viveram os últimos anos do regime monárquico em Portugal.

Fascinado pelo acontecimento histórico que foi a mudança de regime e animado de grande curiosidade intelectual, a que a minha formação académica não será alheia, questionei-me com que heroicidade se enfrentaria o quotidiano, quais seriam as aspirações do homem comum, daqueles a quem a vida mais parece enredar os dias, do que oferecer oportunidades de gerir as escolhas. Como se associaram, agiram e traçaram as linhas que marcaram o seu tempo e a nossa história.

A minha busca levou-me a um *Diário* esquecido, de um modesto aprendiz de alfaiate e desembaraçado taberneiro. Relato construído com palavras simples, descrevendo os acasos de vida e o seu papel interventivo nesses anos tumultuosos.

Constantino da Silva nasceu em 1885, na freguesia da Pampilhosa do Botão, concelho da Mealhada, filho de uma família de modestos recursos, ligada às artes da alfaiataria, que encontrava na agricultura o complemento que lhes ia permitindo levar uma vida sem grandes abastanças, mas longe da penúria que cercava, por esses tempos, uma grossa fatia da população obreira. Frequentou a escola primária, privilégio raro, o analfabetismo cercava oitenta por cento da população, desde muito novo ajudou a família nas tarefas mais simples e leves do campo, no pastoreio de um pequeno rebanho de ovelhas e

cabras, seria iniciado, como os irmãos, nos mesteres da alfaiataria, nas artes da agulha, dedal e tesoura.

Aos quinze anos seguiria para Coimbra onde trabalhou, como moço de balcão, numa taberna situada no casco mais antigo da cidade — na Rua da Sota.

A vida na cidade não trouxe ventos amenos, o patrão, conhecido pelo Boca Grossa, antigo cabo de cavalaria, passava o dia a procurar motivos para lhe gritar:

— Aprendiz! Ó Aprendiz!

Alcunha ganha no primeiro dia de trabalho. As jornadas eram de horas perdidas noite dentro. O tempo enrijeceu o corpo e fez crescer o gosto por aquela vida.

Encostado ao balcão ouvia os desabafos de cansaço e miséria dos operários das cerâmicas do Terreiro da Erva, dos marçanos da Praça do Comércio, dos operários enfarruscados das oficinas. À noite eram os estudantes e outros boémios a congeminar planos, a defender ideais, arregimentar seguidores, confessar paixões, entre rodadas, segredos, conluios e discussões com louvores ao rei ou à república. Uma ou outra vez os gritos de *Viva* passavam a *Morra* e nem a chamada das forças policiais evitava o desencadear de épicas cenas de pancadaria.

De tempos a tempos metia-se no comboio, ia à Pampilhosa dar uma mão nos trabalhos agrícolas ou num aperto de serviço na alfaiataria. Nas visitas a casa procurava cruzar-se com a Cristina, menina dona por inteiro do seu coração, com quem mantinha um romance silencioso de olhares e sorrisos melosos.

A vida cruzava o tempo sem pressa. Constantino foi criando o costume de ir passando para pequenos cadernos os acontecimentos do seu dia a dia.

Na primavera de 1907, numa noite de musculada desavença entre clientes, com gritaria, murros, empurrões, copos partidos, o Boca Grossa, um miguealista retrógrado, entendeu correr à paulada um grupo de académicos intervinientes na peleja. Constantino, entre vivas à república, saltou para a liça desancando o costado do patrão com uma pesada tranca. As cenas de pancadaria alongaram-se em correrias pelas ruelas vizinhas.

Aquietadas as escaramuças, entre abraços de despedida com os parceiros da refrega, soltando os derradeiros e roucos brados republicanos da noite, correu ao quartito onde pernoitava, amontoou os parques haveres e meteu-se, à pressa, no primeiro comboio que apontava ao sul. Precisava criar distância do belicoso Boca Grossa, homem de navalha e mau génio que ameaçara, durante a pugna, querer ver-lhe as tripas ao sol.

Na manhã de 6 de junho desembarcou na estação ferroviária do Rossio.

Em Lisboa, o hábito de registrar, em magras linhas, os passos de vida e os acontecimentos testemunhados, passaria a entrar na rotina dos dias.

Os cadernos multiplicaram-se e numa escrita direta, simples, descreve o seu modesto viver e a atividade carbonária em que participou.

Nas páginas do *Diário*, enchendo vários cadernos, descobrimos o quotidiano de uma cidade em convulsão, analisado pelo olhar limitado, mas curioso e quase espantado, de um rapaz à procura de um caminho para um amanhã pintado de cores luminosas.

Confio aos leitores o seu testemunho.



DIÁRIO DE UM CARBONÁRIO



6 de junho, 1907, quinta-feira
Lisboa

Estação do Rossio! O comboio, um recoveiro com paragens em todo o lado, devia ter chegado de madrugada. Uma avaria na máquina, perto da Azambuja, e passava do meio-dia quando senti um forte apertar de freios e a locomotiva largou um apito final. Desembarquei em Lisboa com um velho saco às costas. O sol era forte, a fome e a sede pesavam. Encontrei uma taberna na Calçada do Duque, no largo fronteiro da estação. Comi com apetite um caldo fumegante de grão com chouriço e bebi um vinho espesso que apontaram ser de Alenquer.

Senti o calor no rosto e a coragem regressar ao corpo. Procurei ao moço taberneiro por uma casa de dormidas, recomendando:

— Preciso de um quartito barato.

Indicou-me uma acomodação modesta a dois passos, desenhando no espaço, com o dedo indicador matizado a cores de vinho tinto, o melhor trajeto para desaguar na entrada do vizinho Beco da Ricardina. Quando meti o saco às costas e apontei à saída, o rapaz aconselhou:

— Amigo, é melhor fazer essa barba, a hospedeira é rabugenta, vá ali atrás, tem uma bacia de água.

Limpei a cara de pelos e do farrusco da viagem, acertei o cabelo, aprumei o casaco e passei um pano pelas botas. Agradei as palavras amigas do vendeiro apontando ao caminho seguindo o seu alvitre.

A mulher era magra, palavra seca, olhar duro, boca de lábios finos encimados por um senhor buço. Com muitas recomendações, limitações, atendendo

a quem me recomendara, acedeu a alugar o quarto mais em conta: um pedaço de corredor triste e estreito servido por um catre duro e um lavatório esmaltado, sem esmalte nem espelho.

Depois de receber a maquia de uma semanada, adiantou num tom de aspereza, a coincidir com a cara fechada:

— Isto não é casa de porta aberta, de maus costumes. Respeito, senão entra o meu homem, graduado da Guarda Municipal.

— Sou um homem de paz, o que procuro é trabalho.

Garanti a pés juntos em tom cordato.

— Trabalho?

Voltou a medir-me do chapéu às botas e aconselhou-me a ir a uma agência com porta aberta no número 270 da Rua Augusta.

— Diga que vai da parte do chefe Pinto.

Caminhei pela cidade, os olhos quase caíam de tão abertos, pasmados, várias vezes mandei fechar a minha espantada boca. Eram rios de gentes, tudo de fatos domingueiros e as mulheres, elegantes, pareciam ter saltado das montras de lojas.

Conhecia Coimbra e até fora a Aveiro de comboio, mas nunca cuidei que fosse possível haver cidade assim: automóveis a acotovelar-se e buzinar por serem tantos, elétricos em fila a chiar dos travões e a tilintar, ruas largas, compridas, direitas, com prédios ricos e altos. A admiração e o espanto foram meus companheiros nesta primeira incursão por Lisboa, as lojas de artigos que nem imaginava existir enchiam as ruas.

Ouvi línguas estranhas e criaturas ainda mais.

Mesmo de olhar atónito não foi moroso desaguar na Rua Augusta. O 270 era uma *Agência de Anúncios*, não falei do chefe Pinto, nunca fui muito chegado a fardas, um senhor com bexigas, voz de flautim, gravata repleta de nódoas, esclareceu que podia publicar, a troco de uns vinténs, um anúncio nos jornais com um pedido de emprego.

— Ajudo na feitura dos seus dizeres e posso ler-lhe as respostas.

Agradei e adiantei que não precisava de auxílio, sabia ler e escrever com perfeição. Depois de um pequeno silêncio retorqui ser alfaiate e o que desejava era encontrar uma ocupação.

— Bem, porque é que não compra um jornal e lê as ofertas de trabalho? Tenho aqui o *Diário de Notícias* que já li, vendo-o por sete réis, se comprar no quiosque custará dez.

Aproveitei o negócio e segui a recomendação do cavalheiro que me aconselhou a ir à Rua das Pretas, uma alfaiataria, ao número 31, publicava precisar de um oficial da arte. Encostado a uma portada fui lendo o jornal, descobri o

anúncio recomendado e outro na mesma rua, no número 10, procurava um moço para servir numa taberna com casa de hóspedes. Eram páginas inteiras de ofertas de trabalho.

Voltei ao bulício das ruas e agora, menos boquiaberto, comecei a atentar que também havia prédios em ruína, passantes descalços, rotos, sujos e até pedintes. Cruzei o Rossio, comecei a subir a Avenida da Liberdade, apontando à Rua das Pretas.

A caminhada não foi longa, parei na taberna ao número 10, era uma casa de pasto airosa com um balcão baixo e comprido, em linha, ao longo da parede havia quartolas de vinho viradas ao alto. Grupos de homens e umas tantas mulheres bebericavam tinto e branco, a conversa seguia animada entre risos e chistes.

Levantando o jornal expus ao que vinha a um moço de balcão. Sem me atribuir importância apontou para uns banquitos, que ofereciam assento, adiantando:

— Vou avisar o patrão.

Fui ficando ouvindo as cavaqueiras e desconversas dos clientes que iam entrando e saindo; uns quase de corrida, outros mais pachorrentos, com tempo, vontade e dinheiro para repetirem a dose. O tema recorrente do palratório, naquela tarde, descrevia o drama de uma menina descoberta morta e barbaramente esquartejada num vão de escadas da Rua Paiva de Andrade. As teorias sobre o crime multiplicavam-se, as explicações e soluções para o assassinato evidenciavam ser claras, os polícias, nas vozes acaloradas dos sequiosos, dormiam na formatura sem nada entenderem.

O moço taberneiro, de quando em vez, entre rodadas, levantava os olhos repetindo:

— O Senhor Quinteiro vem já.

Estava para desistir quando o patrão entrou uivando e grunhindo com o empregado. Olhou para mim, encolheu os ombros de indiferença e em frente da clientela disparou:

— És tu que queres vir trabalhar? Olha que a sede é muita e o dinheiro é pouco.

Desfiou condições, obrigações, exigências, restrições, horários, salários e rematou, arrastando a voz, com uma máxima:

— Aqui nesta casa só há hora de chegada e os clientes são os teus patrões. E bebes, rapaz?

Com timidez respondi gostar de tomar um copito, mas só ao jantar e à ceia.

— E o que dizes ao que te disse?

— Eu? Vou pensar.

Ensaiei umas boas-tardes e saltei porta fora.

— De Coimbra para Lisboa e outro Boca Grossa!

Resmunguei com rancor, entre dentes, lembrando o odiento patrão de Coimbra.

A visita caiu na sede e fome, um pouco mais acima entrei na Casa Viola, uma taberna mesmo ao lado do número 31. Cheirava a fritos e a fumo, a baiuca era pequena e escura, mas em cima do balcão havia peixe com ar de ter acabado de saltar da frigideira.

— Que peixe é este?

— É cachucho, filho!

Respondeu a taberneira com ar alegre e sorriso amistoso.

Comi e gostei, acompanhei com um bom naco de pão e duas doses de um vinho palhete, escorregadio, gostoso.

Refeito e recuperado do mau encontro com o novo Boca Grossa, de barriga mais alegre, entrei na alfaiataria: um salão espaçoso de janelas rasgadas onde laborava um bom grupo de oficiais, aprendizes e muitas costureiras. Fui recebido com modos atenciosos por um alfaiate, entrado na idade, com cabelos ralos e grisalhos, que se apresentou como contramestre: anunciou procurar um alfaiate escoreito, expedito, com saberes provados na arte. Trocámos um bom bocado de conversa e acabou por adiantar que para saber a resposta à minha pretensão ao lugar deveria passar na próxima segunda-feira pela manhã:

— Depois se acertará o valor da fêria e demais condições.

Com estas palavras prometedoras se despediu.

A tarde caía quando descí a Avenida rumando ao quarto.

No primeiro dia em Lisboa, só em comida, e pouca, gastei cento e quarenta e cinco réis.

8 de junho, 1907, sábado

Cavalariça

Neste sábado, ainda a cidade dormia e já vagueava pelos seus passeios largos. Uma bola de fogo, do lado nascente, começava a rasgar a escuridão, o dia prometia ser azul-claro. Nas ruas, quase vazias, apenas as carroças de recolha do lixo, um padeiro de cesto de vime às costas, os operários mais madrugadores e raros peões de semblante estremunhado. Apontei o caminho ao rio-mar que conhecera na véspera. Ouviam-se andorinhas e só muito ao longe um apito agudo cruzava os ares, a cidade, a esta hora, parecia menos distante

e, apesar das sombras, menos assustadora. O fresco da manhã, o andar revigorante e o voo do olhar pelas fainas do rio levaram, por um bom bocado, para longe os medos e dúvidas. No rio havia farrapos de nevoeiro cortados por pequenos barcos, que apressados procuravam as margens para descarregar o pescado da madrugada. Ao largo repousavam os grandes navios.

O Tejo foi o meu primeiro amor nesta terra.

Sou assaltado de novo pela demanda que baila na cabeça desde a chegada:

— O que faço aqui? Sem trabalho nem rumo e com tão pouco dinheiro; não enviara um recado a meus pais, nem trocara um aceno de despedida com a Cristina.

Na véspera vasculhei os bolsos e não juntei mais de três mil réis.

Carregando um monte de dúvidas às costas retornei para a hospedaria, acitei-me no quartito, meditando numa certeza:

— Tenho duas semanas para encontrar um ganha-pão, ou então, de saco vazio, regressava a casa. Engolir as palavras do Boca Grossa? Nunca mais! Minha mãe terá sempre mais um prato na mesa.

De repente fui abanado por um bater vigoroso na porta.

— Eh, eh rapaz, abre aí, sou o chefe Pinto.

Num voo de melro assustado perguntei aos meus pensamentos o que teria feito para merecer aquela visita. Lentamente, tentando sondar a catarada do guarda, entreabri a porta. Ainda ensaiava um bom-dia e ele em tom alto, como dono da quitanda, virando-me do avesso com um olhar enrugado, fechado, apontando o dedo que me empurrava para o fundo do quarto, disparou:

— A patroa contou que andas à procura de trabalho, queres ir ganhar uns cobres?

Refugiei-me num silêncio encolhido, temi, por um cisco de tempo, que o fardado se preparava para me propor o ingresso na Guarda Municipal. O fardado entendeu a minha retração como sinal de concordância e continuou:

— Vai à Travessa do Fala-Só, por detrás do Rossio, perto da Praça da Alegria, falas com a dona Carminda e dizes que fui eu que te mandei.

Num tom impositivo continuou:

— É para fazeres umas limpezas na cavalaria. Fico à espera que mostres respeito e me digas como tudo correu.

Sem mais, parecendo bater os tacões, virou costas, entregando um papé-lito com os dizeres da casa.

Sentado na tarimba, corpo dobrado, pés nus encavalitados um no outro, penso, com um sorriso amargo, estar no bom caminho: da taberna para a cavalaria, a seguir só a cadeia.

Acabei por desempoeirar a cara, endireitar as roupas e sair de papel na mão. Com a ajuda dos ditos de apoio e os informes de melhor andada do taberneiro, o amigo fresco, mas sempre de boa catadura, não foi difícil encontrar a travessa, o casarão e a estrebaria.

Recebido no portão, expus ao que ia, invoquei o chefe Pinto e iniciei a função.

A cavalaria era minguada e de animais só pairava um cheiro forte, mostrava acomodação apertada para três cavalos; a um canto, bem resguardada, descortinei uma carruagem, um pequeno landau. Fui varrendo, juntando o lixo e os estrumes como me fora indicado, não tardaria, assim a senhora tinha adiantado, a chegar um moço de lavoura com uma carroça para levar toda a enxovia. Com ajuda de enxada, pá, vassoura e baldes de água fui dando um ar limpo à descuidada cavalaria. Quando estava com o serviço adiantado, dona Carminda, a empregada que me recebeu, veio verificar o trabalho e pelo gesto de cabeça vi que gostou.

— Quer beber um gole de vinho?

Agradei e retorqui que ainda estava em jejum.

— Vou buscar uma caneca de café de cevada e um pedaço de casqueiro. É rijo, mas limpo!

Adiantou numa voz suave e cantada, abrindo um leve sorriso. Estava mesmo a precisar, na véspera andara todo o dia de tripas leves, começava a sentir uma zoeira de fome.

— Vá, lave-se e coma.

O café estava quente, bem açucarado, e o pão não era assim tão seco, com as côdeas fiz umas sopinhas, comi até à última migalha.

Reconfortado, satisfeito, retomei a tarefa no momento em que chegava o moço encarregado de transportar a lixeira acumulada com o meu trabalho. Vozeando contra o animal de tração, com grande espalhafato, descarregou lenhas, caruma, couves, nêspas, cerejas, duas galinhas e um cesto de ovos. Ajudei a carretear a estrumeira sorrindo com os modos francos e desbragados do carroceiro, cuspidando palavras e tontarias, fiquei a saber que trabalhava nos arrabaldes de Lisboa, no Paço do Lumiar, numa quinta dos donos da casa.

— É tudo do senhor visconde.

Com mesuras contou que a excelência vivia, quase sempre, num grande monte para os lados de Reguengos, no Alentejo, fidalgo importante, companheiro predileto de caçadas com o rei D. Carlos. Sempre que invocava o nome do patrão ou do soberano levava a mão ao barrete e fazia o gesto de o tirar em respeito e homenagem.

Dona Carminda, depois de o consolar com uma avantajada caneca de vinho, espantou com dizeres bem-dispostos o rapagão:

— É melhor beber aqui que andares a parar em todas as tabernas.

Ajustando os tirantes, desconversando com a égua a que chamava filha linda, Púcaras, assim foi tratado, bateu para o Lumiar convidando para eu aparecer num domingo vizinho.

— Por aquelas terras não se morre de sede.

A governanta da casa, sorrindo, teve de voltar a atestar a vasilha para o enxotar.

— E a sua obra está pronta?

Percorreu as instalações gabando o meu trabalho, confirmando tudo cheirar a fresco e limpo. Confessei:

— Gastei a creolina toda.

Não fazia mal, tudo devia estar a gosto do patrão, não tardava a chegar com os animais.

— Quer comer alguma coisa?

Sorri com vergonha e aceitei.

— Vá ao tanque e lave-se bem. Ficou com a camisa toda manchada. Espere, vou ver o que se arranja.

Saiu voltando de seguida com duas camisas usadas, mas com ar de serem filhas das minhas.

— Experimente a ver se lhe servem.

Num tanque de água, lavei-me com apuro, vesti uma das peças de roupa, parecia feita de medida.

Apreciou a forma como a camisa dançava no meu corpo, adiantou poder guardar as duas, afirmou serem dos filhos do patrão e sem uso, aguardavam novo dono.

— Venha que a merenda está pronta.

Entre na cozinha abrindo um olhar de admiração: espaçosa, clara, nas paredes, a aguardar chamada para serviço, fiadas de tachos e panelas de cobre de todos os tamanhos, mesmo ao lado da grande chaminé alinham-se frigideiras, cafeteiras e outras ferramentas de cozinhar. Bem no meio da lareira está um fogão cor de tijolo de grandeza e tamanho que nunca vira. Plantada no centro da divisão há uma mesa larga e comprida, onde sem atropelo se podem arrumar, de braços soltos, uma dezena de avantajados comensais.

Senti o cheiro a fritos, uma rapariga preparava uns ovos. Olhou para mim atirando um cumprimento ligeiro, reparei ser magra, uma carga de ossos desengonçados, mas dona de um olhar moreno que num relâmpago trouxe a Cristina ao pensamento.

— É a minha sobrinha Amélia.

Apresentou dona Carminda, enquanto cortava umas fatias de carne branca e salgada.

— Gosta? Vai ver, é como se fosse presunto.

Abanquei na mesa grande de nariz no ar, que o aroma recendia. Nunca provara toucinho com tantos dedos de grossura, gostei, e os ovos com um pouco de coentros fugiram gulosos pela goela. Um pão muito claro e um vinho forte acompanharam muito bem. Fiquei abençoado e a senhora passou a saber a minha vida de trás para a frente, com todas as curvas e tropeções, tantas perguntas foi fazendo, só não confidenciei cultivar aversões a cheiros de cera de altar, saíotes de padres e desejos secretos de apertar gasganetes a marqueses e demais cabeçudos. Ah! E não levantei uma pontinha do véu sobre Cristina, o meu amor distante.

— Volta cá sábado? Pode vir de tarde, se der mais jeito.

Concordei, quando ia a sair, pensando que a paga estava feita, ainda recebi cem réis.

Na despedida, dona Carminda, antes de desejar um passe muito bem, com um ar de amizade adiantou:

— Boa sorte na procura de trabalho.

Na rua, sorrindo com a minha sorte e com as camisas debaixo do braço, ponderei:

— Os ovos podiam ter saído de cu de galinha viscondessa, mas a arte de cozinheira do povo compensou no bom amanhã.

9 de junho, 1907, domingo

Concerto

O trabalho da véspera e a conversa com a dona Carminda serviram de bálsamo e espantaram receios.

Preguicei toda a manhã.

Passei pelo Rossio, num vendedor ambulante bebi um capilé bem manhoso, não passava de uma água choca com pouco açúcar, uma pitada de cevada e do limão nem o rasto.

Lisboa parecia ter mudado em ranchos para a Avenida da Liberdade.

Ao domingo, as mulheres, como se isso fosse possível, ainda parecem mais bonitas, caminham em pequenos grupos conversando com animação, trocando saudações sorridentes.

— E como cheiram! Será que se rebolaram por campos de alfazema?

As saias, de panos ricos, são curtas, deixando contemplar graciosos sapatos ou brilhantes botinas, usam chapéus de palha fina, de cores suaves, o rosa e o tom de cereja parecem estar na moda.

Ouvi música e subi ao Parque Eduardo VII, um mar de gente desembocava no jardim. Descobri que o motivo do ajuntamento não passava pela afinada banda filarmónica instalada num repenicado coreto. Uma grande e variada exposição de aves espreitava a curiosidade dos visitantes: galos e garnisés, galinhas e perus, patos e gansos, cisnes, perdizes, codornizes, abetardas e faisões, tucanos do Brasil e periquitos da Austrália, frágeis e coloridas aves canoras vindas das terras quentes.

Comentaram sobre uma avestruz gigante, bem a procurei, deve ter batido as asas, não encontrei nem uma peninha do rabo.

O centro de todas as atenções apontava para umas gaiolas gigantes repletas de pombos: um desfile de belas aves a exhibir uma coleção de cores, feitios e tamanhos. Os pombos papo-de-vento faziam a admiração dos passeantes domingueiros. As meninas acompanhavam o abrir, o empertigar dos papos, com exclamações de surpresa.

Um homem gordo, de ar bem sebento, que disseram ser de Alhandra, tentava vender um papagaio exibido numa gaiola minúscula:

— Até fala!

Jurava, afiançava e garantia.

Não tardou a aparecer uma ronda da guarda que o levou, sob escolta. Com ele seguiria, entre reclamações, impropérios e lamentos, um grupo de ciganas, andavam a cirandar as moças casadoiras, ofertando, com a leitura das linhas da mão, certezas sobre o futuro. Até a mim tentaram ler o destino. Adiantavam persuasivas.

— Deixe-me ler a sina. O senhor dá o que tiver no seu gosto.

Eu, como nem o dia de hoje tenho garantido, virei costas, elas não insistiram, não tenho um ar próspero, nem cara de ter bolso onde passeiem libras.

A tarde corria serena e a banda militar foi esgotando o reportório, em boa ordem saiu a tocar e marchar apontando ao Rossio.

Segui o mesmo rumo, quando a noite se aproximou comi a ceia: um resto de pão e um naco minguado de marmelada, virtualhas compradas na véspera no regresso ao quarto.

10 de junho, 1907, segunda-feira
Andaço

Finalmente o sol anunciou a chegada de segunda-feira, toda a noite oferecera despertares ansiosos, acordares com tropeções em escadarias fundas, sonhos assustadores de mesas nuas sem um naco de pão à vista. Apressado, tentando fugir das imagens que me perseguiram, saltei da cama num repelão. Enxaguei o rosto no desengonçado lavatório, uma das pernas deveria ter-se perdido nas curvas do destino e uso, fora substituída por um tijolo que ia dando para manter a bacia direita, afiei a navalha de barba, escanhoando as faces num espelho imaginário. Refinei quanto pude o aspeto, escovando as calças e envergando a segunda camisa ofertada pela governanta da casa rica.

Passsei pela taberna da Calçada do Duque, um abrigo amigo por estes dias. Ajudado por uma côdea de pão comi um caldo fumegante de couve tronchuda, acompanhando a primeira refeição com um copito de vinho doce.

Bem almoçado, depois de dois dedos de conversa com o moço taberneiro, o Albino, ele assim se chama, a primeira voz amiga escutada em Lisboa, sempre disponível para dar informações, achegas sobre como procurar trabalho, conselhos e incentivos.

Segui em passo ligeiro para a Rua das Pretas, precisava daquele trabalho e a casa e as pessoas pareciam ter-me recebido com simpatia. Não demorei muito tempo. O lugar já estava preenchido. O mestre alfaiate que me atendera passou o recado:

— Começou esta manhã a trabalhar um esmerado galego, de Mondariz.

Levando a mão ao chapéu, num gesto de despedida, saí ligeiro sem gastar uma palavra. Caminhei devagar, sombrio, alma bem pesada, com um carão fechado que deveria assustar os passantes.

A cidade pareceu ter mergulhado num silêncio estranho: as carruagens, os elétricos, os fumegantes automóveis vogavam sem levantar a mais leve atroada, nem ouvia os pregões que roçavam por mim. Fui galgando as ruas, descendo até às margens do Tejo.

Não medi o tempo, devagar, o marulhar vivo das águas a dançar alegre com os seixos da margem afastaram a angústia que agrilhoava o meu pensamento. Tomei uma decisão:

— Vou procurar o Andaço.

Em Coimbra, conheci e troquei boa amizade com o Gomes do Luso, mais conhecido por Andaço, namoradeiro reincidente, serralheiro estimado e competente, com mais um par de anos, caminhava, ao tempo, perto dos

trinta anos. Partira para Lisboa depois de uma história confusa, violenta, que, segundo sussurros confiados entre copos ao balcão da taberna do Boca Grossa, envolviam a mulher madura de um capitão e afiançavam uma vistosa serviçal de busto generoso. O infortúnio começara quando o militar de Infantaria 23 o chamou a casa e lhe pediu para reforçar fechaduras, trancas e ferrolhos. O senhor oficial, mobilizado para as colónias, queria partir em sossego para uma comissão de serviço em Angola. Andaço passou a ser avisado às horas mais estranhas a entrar e sair da casa do militar, as fechaduras estariam perras, ferrugentas ou as trancas empenavam e o trabalho devia ser muito, as visitas eram demoradas e quase diárias. O falatório não tardou a ganhar asas e para ajudar, o Gomes, homem de boca larga e imprevidente, ainda se gabava dos feitos. A novidade deverá ter chegado a África, o desfeito oficial, assim que foi autorizado, meteu-se no primeiro vapor a rasgar mares para Lisboa.

Os comboios quase se deverão ter cruzado, o do capitão enfeitado a caminho do Mondego e o do Andaço, acabrunhado, escondido, em sentido oposto.

A saída apressada de Coimbra teria, para alguns amigos atentos descrentes dos seus pavoneios de conquistas bargantes, outra explicação. Gomes, num tom jocoso e provocador, entre risadas desbragadas, repetia em plena rua um ritual de desafio. Quando avistava padres ou freiras procurava a melhor ocasião e num salto, plantado na frente dos religiosos, abria os braços e soltava um forte brado:

— Viva a República!

As polícias bem o chamavam à razão, ameaçando que um dia lhe dariam um apertão daqueles de molhar ceroulas. Como tinha trabalho certo, serralleiro estimado, sempre disponível para acudir num aperto para desencravar portas e portais, tudo ia passando com sermões, bons conselhos, avisos repetidos e veladas ameaças de num dos seus feitos abusadores não o poderem salvar de bater com os ossos na choça.

Numa hora aziaga, em plena Rua da Sofia, Gomes não resistiu e lançou o seu grito de guerra bem no carão de um obeso sacerdote. O religioso, um poderoso monsenhor da Igreja de Santa Cruz, mexeu influências e teria sido por breves minutos que o Andaço, alertado por voz amiga, conseguiu escapar trepando para o primeiro comboio com destino à capital do reino.

O tempo ajuda a curar as feridas e o Gomes, sempre desconfiado, apressado, fugidio, fazia breves e bem espaçadas visitas ao Luso, dando um saltinho a Coimbra para rever os seus amores. Numa dessas vindas, encostado ao balcão da tasca da Rua da Sota, falou, sob promessa de segredo, das novas paixões, tarefas e onde residia em Lisboa.

Inquirindo um passante descobri estar perto do Depósito das Águas do Luso Augusto Brandão, na Rua da Princesa, onde indicara trabalhar.

Na entrada, sorte a minha, encontrei o Andaço, estava a acamar com palha uns garrafões vazios numa grande gaiola. Deixou tudo e veio com grande alarido dar um abraço, até me atirou ao ar. Entre saudações, palmadinhas e desabafos de saudade por Coimbra procurou saber o que me levava a Lisboa, respondi com um resignado encolher de ombros, combinámos tudo conversar ao jantar que não tardava:

— Quero saber o que te trouxe ao Tejo. Saio não tarda, está cá ao meio-dia.

Desci ao burburinho da cidade, face aliviada, sentidos soltos, voltei a sentir a algazarra, os ruídos agressivos do trânsito, os cheiros pesados e sujos das ruas e até os odores fumegantes a verter das tabernas e casas de pasto.

Na hora combinada voltei ao armazém das águas.

Andaço, casaco pelas costas, aguardava por mim de faces abertas, sorriso franco, satisfeito com o inesperado reencontro. Mostrava em Lisboa ser o mesmo Gomes, festejava com alegria os encontros de rua com conhecidos, a todos falava em mim, do amigo chegado da cidade do Mondego:

— É o Aprendiz! Um *Portugal Velho* de costas direitas.

Parecia ter sempre vivido naquele cantinho da cidade, tantas foram as saudações distribuídas.

Levou-me a uma taberna, mesmo ao lado do Arco Escuro, na Rua dos Arameiros, bem chegado ao Campo das Cebolas.

— Cai no goto da patroa, vais ficar de cara espantada.

Foi uma festa quando entrámos. Sem cerimónia conduziu-me à cozinha, apresentando com palavras de encantamento a dona Elvira, proprietária do lugar de comes e bebes.

Enquanto comíamos uma reforçada dose de meia-desfeita, a transbordar de bacalhau afogado em azeite, regada com um bom vinho branco, forte como tenazes, desfiei os meus últimos dias: receios, dinheiros curtos e a urgência de encontrar trabalho.

Parecia não ouvir, sempre em algazarra, vozearia animada com os comensais das mesas vizinhas e a dizer graçolas à taberneira. Andaço, aqui por todos tratado por senhor Gomes e até Gomitos pela patroa do botequim, em nada mudara: um conhecido de ontem logo passa a amigo do coração, nem que não lhe conheça o nome.

Entre duas garfadas leves, ele pouco come e menos bebe, diz-me:

— Eu conheço muita gente, dominar a arte de serralharia, apesar do meu ofício nas águas, abre muitas portas em Lisboa, é melhor que ser médico. Um dia destes vais entender.

Por um curto momento vestiu uma cara séria e questionou:

— Não vens fugido à polícia? Aos esbirros do reizinho *Dom Carlos Pançudo*?

— Nem de nenhum capitão.

Respondi com um sorriso matreiro.

Claro que não, só fugia de mim mesmo. Gomes fervia de pressa, rapidamente combinámos um encontro para essa mesma noite. Ficou de me procurar na pensão, mesmo torcendo o nariz quando falei no senhorio.

— Chefe Pinto! Prefiro tropeçar o passo nas sobras de uma mula barriguda. Temos aí o Santo António! Vens passar a noitada por aqui.

Antes de sair, levantando a voz, recomendou à estalajadeira:

— Ó mulher encantada, dona dos meus sonhos, olha pelo Aprendiz, é meu convidado.

Fez uma pausa, esperou um momento de silêncio e num tom de chamar a atenção a todos, estendendo o braço para a dona da baiuca, atirou:

— Dá-me um sorriso, quero passar a tarde agarradinho a ele.

Houve risota geral no tasco, saiu porta fora como quem termina uma récita num palco.

O grão era tenro, o bacalhau farto, o azeite fino, o pão fresco, o vinho guloso e eu fiquei por ali a acabar o almoço sem pressas.

Elvira, a dona do lugar, Senhorita como é tratada pelo Andaço, insistiu com mais comida e bebida. Não tive coragem de recusar tão bela oferta. Mulher grande, olhar de fogo, cabelo preso e enfeitado com travessas de tartaruga, vistosa e bonita com o tamanho de um barco enfeitado com bandeirolas. Pensei com um sorriso e de barriguinha satisfeita.

13 de junho, 1907, quinta-feira

Santo António

Muito cedo, na última segunda-feira, quando procurei afogar o jejum, o cinto das calças já avançou um furo, Albino voltaria a surpreender com um gesto de amizade desinteressada, chamou por um rapazinho, conhecido e tratado por Afoga Gatos, que anda pela zona aos recados a troco de uma sardinha frita e uma côdea de pão ou de moedas magras esquecidas no cotão dos bolsos.

— Vai ao Mestre Balbino e pede os jornais do dia por meia hora.

O taberneiro capeou a instrução com um assobio estridente a pedir pressa ao rapazote magricela. Adiantou tratar-se de um professor de música, antigo instrumentista de fagote no Teatro de São Carlos, proprietário da afamada

Escola de Arte Musical do Carmo, respeitado e antigo cliente. Em quase todos os fins de tarde um contínuo, portando uma leiteira de litro, entrava em silêncio na taberna. Albino atestava e fechava com uns grampos a vasilha de ferro esmaltado. Aproveitava para encher um copo de meio quartilho ao estafeta que nas despedidas, entre estalidos de prazer pela bebida engolida num trago, sussurrava discreto para o Albino:

— Lá vou levar o leitinho para o senhor professor.

Os dias vão passando, quentes, sonolentos, ansiosos. As manhãs começam com a leitura apressada dos jornais de Mestre Balbino, respigo os anúncios de boa cara, passando os informes para umas folhas pardas. Albino desenha o melhor trajeto e sem muita parança salto para as ruas de papel na mão. Só tenho colecionado adiamentos, promessas nebulosas, não gordas e remotas esperanças.

Andaço, com grandes gestos e largos abraços, tem aparecido todos os fins de tarde. Insiste em perguntar se continuo fiel ao que muito falávamos em Coimbra. Promete e garante que não tarda um cisco para amigos certos me providenciarem trabalho.

Hoje combinámos, depois da ceia, ir saltar as fogueiras de Santo António. À tardinha fui procurado por um filho pequeno da dona Elvira com um recado a transmitir que o senhor Gomes não podia aparecer:

— Tem de ficar por Alfama. A minha mãe montou um lugar de bebidas.

A taberneira precisava de ajuda, ossos do seu ofício de namoradeiro.

Fui à Calçada enganar a fome com umas sardinhas de escabeche e um grande pedaço de pão escuro de mistura, afoguei tudo numa boa caneca de vinho. Albino desafiou para uma festança em Alcântara, danças namoradeiras e foguetório estão garantidos até de madrugada. Agradei o convite, mas resolvi ficar por mais perto.

Entrei na noite à procura da animação de Santo António. Apanhei um mar de gente, caminhei pelo Rossio, Restauradores e subi até à Avenida. Voltei pela mesma rota, acabei por desaguar na Praça da Figueira. Havia bailaricos, cantos e muita alegria. Ranchos, que aqui chamam fungagás, passavam a tocar cornetas, violas, pífaros, latas velhas, ferrinhos e pandeiretas. O largo brilhava como de dia, tantos eram os bicos de incandescência. Por todo o lado ouviam-se pregões de vendedores anunciando manjericos, cornetas de barro, fruta, bebidas e coloridas flores de papel com versos, aprezei uma com esta quadra:

Tu, bocadinho de aurora,

Tens no olhar feito de luz.

Um canto, um beijo, um suspiro

E uma bênção de Jesus.

Caminhei por todos os cantos da Praça, quase fui atropelado por grupos de prazenteiros que seguiam em alegres cantorias.

— Arreda... arreda... tristeza arreda!

Cansado de tanta alegria voltei para casa de flor na mão. Ao menos não murcha, é de papel.

15 de junho, 1907, sábado

Trabalho

A noite aprontava as despedidas, finalmente exausto de rebolar na dura enxerga depois de lutar sem glória contra as sombras da incerteza que insistiam em martelejar os ouvidos mergulhei num sono agitado.

Batidas fortes na portita do quarto acordaram-me em alvoroço de coração à desfilada.

— Acorde homem! Está aqui o senhor Gomes do Luso, diz que é urgente.

A voz azeda, esganiçada, da estalajadeira arrancou-me de um sonho confuso: uma viagem de comboio à desfilada por terras estranhas com o Boca Grossa a rir desbragado das minhas penúrias. A resmungar da sorte, mal levantado, e o Andaço irrompe pelo quarto:

— Toca a vestir! Vais trabalhar na Alfaiataria dos Valdemares.

Estremunhado, enfarpelei as melhores vestimentas e a toque de voz, com palmadas nas costas, fui sendo encaminhado para a Rua de Santa Justa.

Andaço, de sorriso feliz, entusiasmado, satisfeito por ter cumprido a promessa de conseguir trabalho, não parava de abanar os meus sentidos, ainda esfumados, cercados pelo pesadelo da companhia do Boca Grossa de barriga a fugir das calças a exhibir uma navalha cigana de ponta e mola.

Repetindo as palavras, contou, até ter a certeza de ser escutado, com quem nos iríamos encontrar. Afiançou ter juramentado de mão a apontar ao firmamento eu ser bom republicano, homem capaz de meter a mão a um padreco malcheiroso com a mesma facilidade que virava uma jarra de vinho e dizimava uma malga de azeitonas pretas.

Em poucos minutos chegámos ao número 45 da Rua de Santa Justa, subimos uma larga escadaria, decorada com uma passadeira verde-escura, desembocámos num esmerado salão enfeitado com dourados. Andaço entrou afoito e, dirigindo-se a um apumado cavalheiro, fez as apresentações.

A voz do meu amigo revelava estima e admiração. O homem, Mestre António Santos, alto, encorpado, parecia um candeeiro com uma leve barriga, mostrava ser dono de um olhar incisivo, frontal, mas aberto e simpático:

— Sim senhor, cá está o nosso alfaiate, vamos tratar de ti, estás nas mãos certas.

Fiquei admirado com a familiaridade de trato com o Gomes, pareciam amigos de toda a vida. Andaço ensaiou uma desculpa e partiu a correr:

— A distribuição das águas anda atrasada.

Procurei refúgio no silêncio com vontade de me beliscar a confirmar não estar num sonho. Mestre António Santos sentiu o acanhamento e foi amável nas falas, afixando que tudo ia correr a contento de todos. Principiou por mostrar a loja, àquela hora deserta, ampla, com muitos dourados, as vidraças das janelas espelhavam asseio, em grandes armários e escaparates havia pilhas de fazendas bem apumadas e muita obra pronta: fatos, fardas, chapéus e uma grande fila de casacos leves de alpaca.

— Não será nesta loja que vais trabalhar. Quero que conheças o chefe de provas, virás aqui muitas vezes com obra em confeção.

Explicou num tom calmo a transmitir bonomia e confiança.

Numa saleta reservada, muito desempoeirada, encontrámos o senhor Antão, mestre-chefe da loja: responsável pelo atendimento aos clientes, apoio na escolha dos padrões das fazendas, apuro de medidas, acompanhamento das provas e ajustamentos necessários. Muito aperaltado no vestir, nariz empertigado, discreto nas palavras, deu as boas-vindas com um tom a marcar distância.

Num passo acelerado tentei acompanhar a passada larga do mestre de oficina a caminho da alfaiataria a funcionar perto, na Travessa das Pedras Negras, junto à Rua da Madalena. Entrámos por um pátio, subimos ao primeiro andar. Encostado a um grande balcão, sentado num banquito de tripé, António Santos descreveu as minhas futuras funções, condições e vencimento. Precisavam de um meio oficial conhecedor das artes de alfaiataria. Fui cauteloso, admitindo receios, confessando sentir estar um pouco enferrujado. Em boa verdade, nos últimos anos só ajudava na loja de meu pai quando o serviço apertava. O trabalho de taberneiro em Coimbra comia quase todo o tempo.

— Acredito que o que não souberes vais aprender, o importante é nada fazer mal feito. Aqui na casa quando não se sabe pede-se ajuda. Entendido?

O timbre cordato, amigável, das palavras transmitiam confiança.

As condições, ofertadas a um naufrago a sobreviver apegado a receios e a um madeiro à deriva, pareciam ancoradouro seguro. O pagamento será semanal a começar nos oitocentos e setenta e cinco réis, valor que irá subindo, até no terceiro mês atingir os quatro mil e quinhentos réis, ou seja, uma semana de mil cento e vinte e cinco réis. Ao mesmo tempo poderei pernoitar nuns quartos que há no terceiro piso da oficina, para melhor ajuda, o jantar do meio-dia será por conta dos patrões Valdemar.

— Ao almoço e ceia cada um faz o que quer, a cozinha está aberta a todos. As lenhas, carvão e carumas correm por conta da casa.

Transmiti ao Mestre vontade, anseio e disponibilidade de sem demora, nesse mesmo dia, iniciar o labor. Acrescentei, apenas, precisar de dar um salto à Travessa do Fala-Só, para me libertar do compromisso de limpeza da cavalariça de um visconde alentejano. António Santos, para minha estranheza, mostrou muita curiosidade, querendo saber como conseguira aquela humilde e suja tarefa. Falei da incumbência, empenho e recomendação do chefe Pinto, da Guarda Municipal, no servicito de barrela da estrebaria.

— Vais continuar a fazer esse trabalho, o tempo que gastas nesse labor pode vir a render.

Para meu espanto repetiu de forma continuada como se estivesse a pensar alto:

— Muito importante, muito importante.

Todas as facilidades, modos amigáveis, me baralhavam. Resolvi, por cuidado, procurar abrigo no silêncio, uma sábia cautela. Acordámos o início da labuta, a muda das minhas roupas e demais posses para a manhã de segunda-feira.

Saltei leve pelas ruas, de respirar fundo e repousado, com um sorriso pendurado nos olhos.

Entrei de cabeça levantada na taberna do Albino, a novidade mereceu um abraço bem-disposto e a oferta de um pires de iscas de fígado bem avinagradas.

Passei pela pensão e avisei a estalajadeira que encontrara trabalho, deixaria o quarto na madrugada de segunda, pareceu ensaiar um ar satisfeito, mas corrigiu com um dito seco:

— Deixe tudo direito.

Subi para a Travessa do Fala-Só, dona Carminda recebeu-me com um sorriso que ainda mais se abriu quando lhe confiei já ter trabalho certo, mas poderia continuar, aos sábados, a limpar o estábulo. Os tais senhores viscondes andariam de passeio por Lisboa, estava cercada de trabalho, quando entrava na cozinha fez com a mão um gesto de despedida avisando:

— Os animais são mansos.

Na estrebaria encontrei três lindos cavalos, obedientes e dóceis, curiosos com a minha presença. O trabalho correu depressa, os cordatos solípedes pareceram satisfeitos com as minhas palavras a explicar a melhor forma de refrescar as camas. Varria, aguava e desinfetava o chão da entrada, quando apareceu Carminda trazendo um sorriso e nos braços um tabuleiro com uma farta merenda:

— Hoje não dá para falarmos, tenho cá os patrões. Quero saber as

novidades do novo trabalho, para a semana venha com tempo. O dinheirinho está aí.

Repetiu o gesto de despedida e saiu saltitante, coradinha, apressada. Envergava um vestido cinza colado ao corpo, o cabelo negro e lúcido, sem lenço, dançava ao ritmo do andar preso numa trança enrolada. O meu olhar ancorou admirado: a senhora naqueles preparos simples parecia uma moça viçosa.

Juntei as esterqueiras a um canto, arrumei as ferramentas, lavei as mãos e cara no tanque a transbordar de água límpida. Deliciei-me com umas postinhas de peixe, finas, bem fritas, saborosas, passadas por farinha e ovo, soltando aromas a limão com um toque gostoso a alho. Os cento e cinquenta réis, acondicionados no tabuleiro, serviram de sobremesa animada.

A caminho da Calçada do Duque, na procura de porto onde pudesse afogar a sede, apenas acompanhara os comes com um copito magrinho, fui acompanhado por um pensar: divisava o cabelo longo da sorridente alentejana, enfeitado numa trança, a dançar nas costas, parecia acompanhar o gingar dançarino das coxas...